



PARTE V

TEMA:

Organizadores Curriculares

Elaboração Ensino Fundamental:

- Cristiana Ferreira dos Santos
- Herbert Gomes Silva
- Roberto Sidnei Alves Macedo

Já se pode entrever a possibilidade de uma teoria dos sistemas circunstacializados.
Tal teoria permitiria considerar, enfim, uma teoria do devir.
Edgar Morin

Parceiros:



UNIÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO (UNDIME/BA)

Presidente

Raimundo Pereira Gonçalves Filho

UNIÃO NACIONAL DOS CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO (UNCME/BA)

Coordenadora

Gilvânia da Conceição Nascimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

Diretor da Faculdade de Educação (FACED)

Roberto Sidnei Alves Macedo

EQUIPE DO PROGRAMA DE (RE)ELABORAÇÃO DOS REFERENCIAIS CURRICULARES NOS MUNICÍPIOS BAIANOS

Coordenador do Programa

Renê Silva

Coordenador de Articulação com os Municípios

Williams Panfile Brandão

EQUIPE DE ESPECIALISTAS

Currículo

Cristiana Ferreira dos Santos

Currículo

Herbert Gomes da Silva

Currículo

Roberto Sidnei Alves Macedo

Educação Integral

Cláudia Cristina Pinto Santos

Educação Infantil

Zuma Evangelista Castro da Silva

Ensino Fundamental Anos Iniciais

Fernanda Karla de Santana Reis Argolo

Ensino Fundamental Anos Finais

Eronize Lima Souza Marcos Paiva Pereira

Educação de Jovens, Adultos e Idosos

Josinéia dos Santos Moreira

Educação do Campo, Indígena e Quilombola

Marcos Paiva Pereira

Educação Especial

Aline Cruz dos Santos Oliveira

Plataforma Moodle

José Renato Gomes de Oliveira

EQUIPE DE FORMADORES POR NÚCLEOS FORMATIVOS

Núcleo Formativo 01 - Irecê

Miriam Oliveira Rotondano

Núcleo Formativo 02 – Velho Chico

Jeane Rufina de Souza Silva

Núcleo Formativo 03 – Chapada Diamantina

Luzileide de Jesus Santos e Santos

Núcleo Formativo 04 - Sisal

Carlos Vagner da Silva Matos

Núcleo Formativo 05 – Litoral Sul

Cristiano de Sant ana Bahia

Núcleo Formativo 06 – Baixo Sul

Anderson Passos dos Santos

Núcleo Formativo 07 – Extremo Sul

Carolina Freitas Castro Ribeiro

Núcleo Formativo 08 – Médio Sudoeste da Bahia

Higro Souza Silva

Núcleo Formativo 09 – Vale do Jiquiriçá

Lucinaide Santana Santos

Núcleo Formativo 10 – Sertão do São Francisco

Marco Antonio de Jesus Botelho

Núcleo Formativo 11 – Bacia do Rio Grande

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel

Núcleo Formativo 12 – Bacia do Paramirim

Renilton da Silva Sandes

Núcleo Formativo 13 – Sertão Produtivo

Naurelice Maia de Melo

Núcleo Formativo 14 – Piemonte do Paraguaçu

Izabel Conceição Costa da Silva

Núcleo Formativo 15 – Bacia do Jacuípe

Angelo Dantas de Oliveira

Núcleo Formativo 16 – Piemonte da Chapada

Michelli Venturini

Núcleo Formativo 17 – Semiárido Nordeste II

Robélia Aragão da Costa

Núcleo Formativo 18 – Litoral Norte e Agreste Baiano

Gerusa do Livramento Carneiro de Oliveira Moura

Núcleo Formativo 19 – Portal do Sertão

Alexsandro Rocha de Souza

Núcleo Formativo 20 – Sudoeste Baiano

Josirlene Cardoso Lima Afonseca

Núcleo Formativo 21 – Recôncavo

Tania Maria Nunes Nascimento

Núcleo Formativo 22 – Médio Rio de Contas

Karine Nascimento Silva

Núcleo Formativo 23 – Bacia do Rio Corrente

Karla Mychely Teles de Miranda Santana

Núcleo Formativo 24 – Itaparica

Maria das Graças Souza Moreira

Núcleo Formativo 25 – Piemonte Norte do Itapicuru

Maria Cristiane Correia Maia

Núcleo Formativo 26 – Metropolitano de Salvador

Edisio Brandão Sousa

Núcleo Formativo 27 – Costa do Descobrimento

Luiz Argolo de Melo

SUMÁRIO

Apresentação

1. *Com-versações* curriculares para/com o Trabalho dos Grupos de Estudo e Aprendizagem (GEAS)

1.1 Organizadores Curriculares

1.1.1 - Educação Infantil

1.1.2 - Ensino Fundamental Anos Iniciais

1.1.3 - Ensino Fundamental Anos Finais

1.1.4 - Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas

Referências

APRESENTAÇÃO

Ao iniciarmos o **Caderno de Orientações – Parte V**, imaginamos a itinerância curricular até aqui realizada como a formação dos GEAS, estudo de várias referências curriculares (BNCC/DCRB), legislações, textos complementares, *lives*, muitas *conversações/discussões* sobre as modalidades de ensino, temas intercurriculares/integradores com os pares e o entedimento da importância da elaboração de uma Política de Currículo para Educação Básica Municipal, construída com/para os atores e atrizes curriculares das redes de ensino. Nos inquietamos, ficamos reticentes, mas sempre no nosso propósito, pois, apesar do cenário atual de crise da sociedade brasileira, sabemos que é uma luta de superação, entendendo nossos atos de currículo como uma **teorização** pertinente para o sistema curricular dos nossos municípios.

O **Caderno de Orientações – Parte V – Organizadores Curriculares** objetiva as possibilidades para estruturação dos saberes eleitos como formacionais, como componentes que contribuem, coletivamente, com o processo de entedimento de organização de saberes e para ensinar e aprender, com suas transversalidades, em que as autorias e autorizações na realização dos Referenciais Curriculares Municipais desjogam o jogo das “receitas curriculares prontas” que definem de forma autoritária as estruturas dos organizadores curriculares.

Desobjetificar o currículo a partir da ideia central de que este é uma construção que se realiza a partir do encontro, do entre-nós, do entre-dois, bem como pensá-lo a partir do veio estruturante da heterogeneidade irreduzível da formação e das múltiplas justiças aí reivindicadas, coloca a Teoria Etnoconstitutiva de Currículo fazendo parte de uma *agora* curricular que não acredita numa só verdade curricular. (MACEDO, 2016, p.150)

Apresentamos aqui, como **exemplaridade** e com algumas adaptações, a estrutura do Organizador Curricular do Referencial Curricular do Município de São Francisco do Conde, mas entendemos que, como autores e autoras curriculares é uma **referência/inspiração**, assim como é, também, a BNCC, o DCRB entre outros documentos curriculares de outros estados e municípios. Assim, cada CMG e GEAS pode e deve decidir como melhor estruturar seu Organizador e seu Referencial Curricular.

Assim como os cadernos anteriores, apresentamos quatro seções: Importante saber (o ponto de partida). O que fazer (objetivos da ação). As possibilidades do fazer – (as pistas possíveis). Ampliando o repertório (oportunizar o contato com fazeres já vividos e experienciados).

1. ORIENTAÇÕES PARA O TRABALHO DOS GRUPOS DE ESTUDO E APRENDIZAGEM – GEAS

1.1 Organizadores Curriculares



Importante saber...

Os **Organizadores Curriculares** constituem parte fundamental para elaboração dos Referenciais Curriculares dos Municípios. Ele é a expressão materializada e temporalmente organizada dos saberes eleitos como formativos (MACEDO, 2016) relacionados às respectivas expectativas de aprendizagens.

1.1.1 Eixos Temáticos

Unidades estruturais que relacionam a natureza do conhecimento, os saberes, as metodologias e suas fundamentações por meio de um contexto. **Na BNCC e DCRB são denominados de Unidades Temáticas.**

1.1.2 Saberes/saber-fazer /saber-ser

No caso Ensino Fundamental a eleição de **saberes** como formativos, situada na primeira coluna que estrutura o Organizador Curricular, representa uma aproximação superadora na compreensão da composição das competências de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – (BNCC pág. 13). Nesse sentido, os **saberes** são compreendidos a partir de conhecimentos científicos e educacionalmente construídos, mas, também, de **saberes** outros construídos na diversidade das experiências das culturas, do mundo do trabalho, da produção, das artes, do cinema, dos museus, da cidade, da internet, da natureza, das espiritualidades entre outras fontes do saber.

Numa aproximação superadora do que chamamos na Educação Básica de “conteúdos”, e para sairmos do “conteudismo” que imagina que a aprendizagem formacional do estudante se limita apenas ao que nos apresenta o livro didático (que continua muito importante na sua apropriação crítica), os **saberes** englobam esses “conteúdos” ou “objetos do conhecimento”, compartilhando, conjugando e acrescentando à formação, **saberes** outros como já citamos anteriormente.

Compõe também a exemplaridade dos Organizadores Curriculares apresentados, na sua segunda coluna o **saber-fazer**. Novamente, numa aproximação superadora do que a BNCC e seu currículo por competências denomina de habilidades, assim como o DCRB, o **saber-fazer** traz consigo o **saber**, através do que denomina de saberes em uso, em que o **saber** supera a abstração do “conteudismo” e da distância que cultiva em relação às atividades humanas e é aprendido através da oportunidade de se vivenciar e experimentar as experiências concretas com os fenômenos e suas atividades correlatas a serem aprendidas. **Todas as habilidades selecionadas da BNCC e/ou do DCRB ficarão nessa coluna, com a indicação do seu código alfanumérico.**

Já a terceira coluna do Organizador Curricular, apresenta o **saber-ser**, que, articulado aos **saberes** e o **saber-fazer**, representa a necessidade de que a qualificação da formação do estudante passe pela aprendizagem ética, atitudinal, (campo da moral), política (campo das opções dignas) e estética (campo das sensibilidades) que implicam em valores que todo saber formacional precisa demonstrar. Faz-se necessário destacar que essa necessidade formacional aqui apresentada nos Organizadores Curriculares é omitida de forma não justificada pela BNCC e pelo DCRB. Não justificada, porquanto vivemos num mundo que convive com agudas crises morais, de opções políticas e de capacidade de formar sensibilidades nobres. Dessa forma, os saberes curriculares e suas atividades têm por obrigação tratar desse sensível tema formacional para a educação escolar entre outras educações.

1.1.3 Expectativas de Aprendizagem

Trata-se da explicitação do que se espera ao relacionar os saberes (saber, saber-fazer e saber-ser) por meio dos princípios metodológicos coerentes com os pressupostos do Referencial Curricular. E o modo como pode ser circunstanciada a mediação do contexto da aprendizagem dos educandos por meio da declaração do que se espera, ao final do processo educacional, mobilizado nessa tempo e espaço das relações de ensino e da aprendizagem, que ele constitui em sua experiência de aprendente. Cabe ressaltar que a expectativa possui uma implicação na relação do docente com o discente, e deve ser orientada para o contexto de aprendizagem construído e possível de ser observado como elemento do desenvolvimento e expressão do discente ao longo da escolarização.

1.1.4 Princípios Metodológicos

Trata-se de um conjunto de sugestões metodológicos coerentes com os argumentos do Referencial Curricular e seus pressupostos, como por exemplo, as diversas metodologias ativas que o campo didático nos oferece. Temos que ter todo cuidado para não superdimensionarmos um

1.1.5 Avaliação formacional

Trata-se de um conjunto de recomendações para modalidades de avaliação coerentes com as metodologias ativas, e que, fundamentalmente trabalhem com a concepção de avaliação formacional, na qual se dinamizem processos e procedimentos que visem o diagnóstico da aprendizagem, seu acompanhamento e reorientação, observada sua relação crítica e reflexiva sobre as expectativas de aprendizagem.

1.1.6 Educação Infantil

Na Educação Infantil, esse conjunto composto de **saberes, saber-fazer e saber-ser, expectativas de aprendizagem, princípios metodológicos e avaliação formacional** aparecem atualizados a partir dos **Campos de Experiência**, que, enquanto encontro entre saberes experienciais das crianças e do seu entorno pedagógico, configuram o Organizador Curricular dessa Etapa Educacional.

No que se refere às *transversalidades* contidas nos organizadores, que têm uma aproximação superadora em relação aos denominados temas transversais, se configuram em saberes ampliados ou fundantes que devem atravessar e se projetar em toda a experiência curricular e seu Organizador. Um exemplo marcante nos Organizadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental é como nessas duas etapas, guardando as especificidades de cada experiência desenvolvimental e educacional, surge a importância indiscutível de como educadores e suas instituições devem cultivar uma concepção bem fundamentada de **infância(s)**, por exemplo. Essa é uma transversalidade densa e insubstituível, por mais que os contextos escolares podem e devem agregar outras, dependendo dos seus contextos educacionais. No Organizador Curricular essas transversalidades podem ser mais específicas ou mais ampliadas, como o quadro do Organizador Curricular deixa explícito. Transversalidades são conexões formacionais fundamentais para que possamos agregar sentidos pedagógicos conectivos, ampliados e significativos em relação aos **saberes trabalhados no currículo**.

1.1.7 Organizador Curricular como um dispositivo orientador dos atos de currículo

Desse modo, o Organizador Curricular, apresenta uma orientação a ser experienciada, estruturando uma sequência *espaçotemporal* dos saberes e suas atividades correlatas, necessárias para compor o Referencial Curricular Municipal. Sua constituição demanda uma construção das **expectativas de aprendizagem**, por exemplo, na qual envolvem princípios educacionais e estruturais (ARROYO, 2013), bem como elementos que compõem a constituição das identidades dos sujeitos,

como territorialidade, valores, atitudes e cultura, articulados por modos de organização ao longo dos anos. Assim, não se trata de uma relação fria e desconectada de conteúdos, refere-se à seleção de saberes fundamentais para a qualificação da **formação integral** dos nossos estudantes.

É importante compreender o Organizador Curricular como um dispositivo orientador dos atos de currículo (MACEDO,2013), a partir de seus princípios, materializações e expectativas do processo educacional (LOPES; MACEDO, 2011) . É nesse sentido que o Programa (Re)elaboração dos Referenciais Curriculares dos Municípios Baianos elegeu aprofundar e contextualizar, a partir do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), estudos sobre Currículo, Educação Integral e Territorialidade, bem como suas relações com demandas educacionais dos Municípios.

O Programa contribui com a ação de desenvolvimento do Organizador Curricular sob forma de proposição, sem a pretensão de estabelecer modelo a ser adotado. Neste sentido, não perder de vista que qualquer que seja o entendimento ou encaminhamento local, faz-se necessário considerar que os elementos constituintes do Organizador Curricular que devem ter como premissa o campo do currículo e as especificidades do Referencial Municipal, assim como a busca pela garantia dos direitos das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos aos diversos saberes e suas atividades correlatas, levando em conta a diversidade dos contextos educacionais e de que perspectiva demandam a qualificação da formação. Daí o foco na aprendizagem e na valorização dos aspectos sociais, culturais, locais e globais do aprender formacional, bem como o reconhecimento intercrítico dos valores políticos, éticos, estéticos e culturais e espirituais envolvidos nessa experiência.

1.2 TeoriAção - saberes eleitos (modelos curriculares) - Educação Infantil

| REFEENCIAL CURRICULAR | | | | | | |
|---|------------------------------|---|--|---|--|--|
| CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS – EDUCAÇÃO INFANTIL | | | | | | |
| TRANSVERSALIDADES AMPLIADAS: CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA – CUIDADO – LUDICIDADE – DIVERSIDADE – PROCESSO IDENTITÁRIO – CONTEXTO (S) SOCIOCULTURAIS E HISTÓRICOS | | | | | | |
| TRANSVERSALIDADES FUNDANTES INTERDISCIPLINARIDADE MULTIREFERENCIALIDADE INTERCRÍTICA – CURRÍCULO ETNOCONSTITUTIVO – EDUCAÇÃO INTEGRAL | FAIXA ETÁRIA | BEBÊS (zero a 1 ano e 6 meses) | CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) | CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses) | ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS | AVALIAÇÃO FORMACIONAL |
| | Grupo | G1 (creche) | G2 e G3 (Creche) | G4 e G5 (Pré Escola) | | |
| | CAMPO DE EXPERIÊNCIAS | O EU, O OUTRO, O NÓS | | | | |
| | EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM | Comunicar-se através de movimentos, emoções, fala e estados afetivos. | Interagir com outras crianças e adultos estimulando o cuidado uma das outras em interações, brincadeiras e nos jogos simbólicos. | Conhecer e valorizar as possibilidades expressivas do próprio corpo, respeitando as diferenças. | Promover situações em que as crianças possam expressar afetos, desejos, saberes e interagir com outras crianças; Organizar espaços para favorecer a imaginação/faz de conta e a vivência do jogo simbólico; | Avaliação diagnóstica; - Observação com registro; - Registros diários (escritos, fotográficos, filmagens e/ou produções das crianças, etc.); - Portfólio; - Diário de Classe; - Conselho de Classe. |
| | | | | | | TRANSVERSALIDADES FUNDANTES PERSPECTIVA FORMACIONAL: AUTOFORMAÇÃO, HETEROFORMAÇÃO, ECOFORMAÇÃO E METAFORMAÇÃO |

1.3 TeoriAção - saberes eleitos (modelos curriculares) - Ensino Fundamental – Anos Iniciais

| REFERENCIAL CURRICULAR | | | | | | | | |
|---|-----------------|--|---|--|---|---|--|---|
| CAMPOS E CAPACIDADES – ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS – Matemática – 1º ANO | | | | | | | | |
| TRANSVERSALIDADES AMPLIADAS: CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA – CUIDADO – LUDICIDADE – DIVERSIDADE – PROCESSO IDENTITÁRIO – CONTEXTO (S) SOCIOCULTURAIS E HISTÓRICAS | | | | | | | | |
| TRANSVERSALIDADES FUNDANTES INTERDISCIPLINARIDADE / MULTIREFERENCIALIDADE INTERCRÍTICA CURRÍCULO ETNOCONSTITUTIVO / EDUCAÇÃO INTEGRAL | EIXOS TEMÁTICOS | SABER | SABER-FAZER | SABER-SER | PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS | EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM | AValiação FORMACIONAL | TRANSVERSALIDADES FUNDANTES PERSPECTIVA FORMACIONAL: AUTOFORMAÇÃO, HETEROFORMAÇÃO, ECOFORMAÇÃO E METAFORMAÇÃO |
| | NÚMEROS | Identificação dos números: ordinais, cardinais, códigos, e medidas de grandezas. | Identificar a utilização dos números a partir da quantidade de espaços de comércio local em torno da escola, e espaço de lazer da comunidade. Quantificando mercearias, supermercados, padarias, frigoríficos, parquinhos de diversão, circos, filas de espera, utilização/relação de compra e pagamentos. | Identificar medidas de grandeza por meio de simulações de barraquinhas de vendas de produtos locais, frutas nativas, quantitativos para orientação de receitas, exemplo salada de frutas, mingau, bolo etc | Identificar, organizar, interpretar, utilizar, padronizar, comparar, criar, representar, selecionar números, códigos, grandezas e medidas. Desenvolver o raciocínio lógico, o espírito investigativo, crítico e criativo, criar estratégias, no contexto de situações-problema, produzindo registros próprios (oral, pictórico e escrito), buscando diferentes estratégias de solução. | Vislumbrando o desenvolvimento da oralidade, da escrita em Matemática e da resolução de problemas científicos e cotidianos, o professor criará um ambiente significativo para o aprendizado do aluno, de modo que ampliem as capacidades cognitivas, através de Cirandas e Rodas de conversas com os comerciantes locais, simulação de compra e venda para que os estudantes tenham acesso e identifique números e medidas de grandeza. | Identificar números nos diferentes contextos e em suas diferentes funções como indicador de: posição ou de ordem; código; quantidade de elementos e medida de grandezas. | |

1.3 -TeoriAção - saberes eleitos (modelos curriculares) - Ensino Fundamental – Anos Finais

| REFERENCIAL CURRICULAR FRANCISCANO | | | | | | |
|---|--|--|---|---|---|--|
| ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS | | | | | | |
| Ciências 6º ANO | | | | | | |
| TEMA MOTIVADOR: “IDENTIDADES” | | | | | | |
| TRANSVERSALIDADES AMPLIADAS: CONCEPÇÃO DE INFÂNCIAS E JUVENTUDES – LUDICIDADE – DIVERSIDADE – MUNDO DO TRABALHO - PROCESSO IDENTITÁRIO – CONTEXTO (S) SOCIOCULTURAIS E HISTÓRICAS | | | | | | |
| EIXO TEMÁTICO | SABER | SABER-FAZER | SABER-SER | PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS | EXPECTATIVA DA APRENDIZAGEM | AVALIAÇÃO FORMACIONAL |
| Ciências, Tecnologia e Sociedade | Importância da Ciência, Tecnologia e sociedade | Expressar-se sobre as consequências do desenvolvimento científico e tecnológico. Pontuar criticamente o desenvolvimento científico e tecnológico em questões de âmbito social, ambiental e políticas na sociedade. Estabelecer relações entre os fatos acontecimentos do cotidiano franciscano e a correlação com o estudo das ciências a as inovações tecnológicas. Correlacionar ciência e tecnologia com as intervenções e alterações nas diversas estruturas espaciais, econômicas e sociais da sociedade. | Relacionar os recursos digitais e as questões científico-tecnológicas e socioambientais com os princípios éticos, sustentáveis e solidários para a construção da sociedade. Exercitar a prática da ciência e tecnologia em seu dia-a-dia, dando efetividade ao saber adquirido. Interiorizar que o desenvolvimento tecnológico e científico está associado com a relação homem - natureza e que essa inter-relação influência de forma crítica, significativa, reflexiva e ética na dinâmica social, ambiental e política na sociedade. | Interdisciplinar Contextualizado Problemático Práticas experimentais Pesquisa de campo e bibliográfica Dialógico Produção e utilização de texto (linguagem científica). | Correlacionar o estudo das Ciências com as transformações sociais, ambientais e políticas da sociedade contemporânea. Compreender que a correlação entre ciência e tecnologia são responsáveis pelas inovações que proporcionam bem estar a sociedade e que podem ser a causa de problemas ambientais s forem usados de forma criteriosa. Compreender que o avanço tecnológico permitiu configurar novos espaços de interação e de aprendizagem coletiva e em rede. | No ensino de Ciências da Natureza a avaliação formacional orienta a prática pedagógica do professor em sala de aula, fornecendo subsídios para que o estudante seja crítico, reflexivo e autônomo, na resolução de problemas práticos e da vida cotidiana. Ou seja, o professor/mediador deve fornecer subsídios para que os estudantes possam ampliar suas capacidades cognitivas para resolução de problemas científicos e cotidianos. |
| | Meio Ambiente e Saúde | Fenômenos Naturais e Impactos Ambientais | (EF07CI08) Compreender como os impactos provocados por catástrofes naturais ou mudanças nos componentes físicos, biológicos ou sociais de um ecossistema afetam suas populações, podendo ameaçar ou provocar a extinção de espécies, alteração de hábitos, migração etc. | Distinguir catástrofes naturais de impactos causados por ações antrópicas | Compreender que as intervenções humanas de forma desequilibrada também geram impactos e catástrofes. Perceber que os principais impactos que ocorrem em São Francisco do Conde (enchente e deslizamentos) são provenientes de uso inadequados do solo e dos recursos hídricos. | |

TRANSVERSALIDADES FUNDANTES
 Interdisciplinaridade/ MULTIREFERENCIALIDADE INTERCRÍTICA – CURRÍCULO ETNOCONSTITUTIVO – EDUCAÇÃO INTEGRAL

PERSPECTIVA FORMACIONAL: AUTOFORMAÇÃO, HETEROFORMAÇÃO, ECOFORMAÇÃO E METAFORMAÇÃO
 TRANSVERSALIDADES FUNDANTES

1.4 TeoriAção - saberes eleitos (modelos curriculares) - Ensino Fundamental – Modalidade - EJA

| REFERENCIAL CURRICULAR | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|--|---|--|
| CAMPOS E CAPACIDADES – EDUCAÇÃO DE JOVEM, ADULTOS E IDOSOS - EJA | | | | | | | |
| TRANSVERSALIDADES AMPLIADAS: CONCEPÇÃO JOVEM, ADULTO E IDOSO – DIVERSIDADE – PROCESSO IDENTITÁRIO – EXPERIÊNCIA - AUTORIZAÇÃO – AUTONOMIA – EMANCIPAÇÃO - TRABALHO | | | | | | | |
| TRANSVERSALIDADES FUNDANTES INTERDISCIPLINARIDADE/MULTIREFERENCIALIDADE INTERCRÍTICA – CURRÍCULO ETNOCONSTITUTIVO – EDUCAÇÃO INTEGRAL | SABER | SABER-FAZER | SABER-SER | PRINCÍPIOS METODOLOGICOS | EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM | AVALIAÇÃO FORMACIONAL | PERSPECTIVA FORMACIONAL: AUTOFORMAÇÃO, HETEROFORMAÇÃO, ECOFORMAÇÃO E METAFORMAÇÃO TRANSVERSALIDADES FUNDANTES |
| | <p>1. AUTOCONHECIMENTO, IDENTIDADE E QUALIDADE DE VIDA</p> <p>EJA I</p> <p>Histórias contadas e vivenciadas na construção do processo identitário do povo franciscano e qualidade de vida para o sujeito da EJA</p> | <p>LÍNGUA PORTUGUESA</p> <p>Expressar-se com clareza, utilizando a língua como veículo de comunicação entre as pessoas e dos povos nas diversas situações de interação, utilizando suportes literários do campo da vida cotidiana como autobiografia, biografia, relatos, memorial, carta, agendas, entre outras possibilidades de comunicação.</p> | <p>Usar a língua como veículo de comunicação e expressão na construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem, compreendendo a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.</p> | <p>Organização de sequências didáticas que possibilitem a discussão, leitura interpretativa, escrita, compreensão e legitimação das regras suscitando a interação, cooperação e comunicação efetiva da turma entre si e com o meio social</p> | <p>Conhecer-se e apreciar-se visando melhorar a qualidade de vida, compreendendo-se na diversidade humana conforme o contexto histórico e sociocultural de forma glocal, enfatizando a importância do pertencimento como processo identitário do povo franciscano.</p> | <p>Utilizar avaliação oral e escrita para sistematização dos saberes pelo educando.</p> <p>Utilizar a observação no acompanhamento da aprendizagem, valorizando as experiências vividas.</p> <p>Registro escrito utilizando o portfólio como um dos instrumentos de coleta de dados considerando a produção diária do(a) educando(a).</p> | |



O que fazer...

Indicações de leitura

- a) BAHIA. Secretaria da Educação. **Documento Curricular da Bahia**. Salvador: Secretaria da Educação, 2017.
- b) BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 16 de agosto de 2020.
- c) BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 de agosto de 2020.
- d) KRAMER. Sonia. **Com a pré-escola nas mãos** – uma alternativa curricular para Educação Infantil. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- e) FOCHI, Paulo. Vamos falar sobre a BNCC ? O que são campos de experiência? **Lunetas**, 2018. Disponível em: <https://lunetas.com.br/vamos-falar-sobre-a-bncc-o-que-sao-campos-de-experiencia/>. Acesso em: 16 de agosto de 2020.
- f) MACEDO, Roberto S. **A teoria Etnoconstitutiva de Currículo** – Teoria -ação e Sistema Curricular Formacional. Curitiba: CRV, 2016.
- g) MACEDO. Roberto S.; AZEVEDO, Omar Barbosa. **Infâncias-devir e currículo: a afirmação do direito das crianças (aprendizagem) formação**. Ilhéus: Editus, 2013.
- h) MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita** – repensar a reforma/reforma do pensamento. 15 ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2008.



Algumas possibilidades para o fazer...

- a) Construir com os GEAS nuvem de palavras do Referencial Curricular do município <https://www.mentimeter.com/>
- b) Construir o Glossário Curriculante do Referencial Curricular do município, a partir das palavras da nuvem;
- c) Pesquisar modelos de Organizadores Curriculares de outros estados/municípios destacando as transversalidade fundantes e formacionais;

- d) Construir as proposições de organizadores curriculares para/do município;
- analisar a possibilidade da construção do organizador curricular da modalidade da Educação das Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) pela especificidade da estrutura da modalidade no município ;
 - observar os princípios da Educação Especial/Inclusiva, Quilombola, Indígena e do Campo na escrita dos organizadores curriculares, nas diversas áreas do conhecimento **(Serão disponibilizadas orientações complementares para os GEAs das Modalidades)**;
- e) Promover *Com-versações Intercurriculares* entre/com os GEAS;

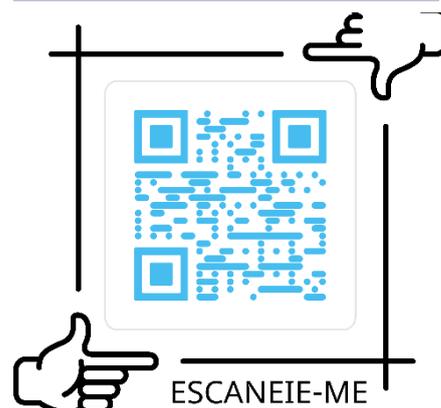


Ampliando o repertório...

Referencial Curricular de Alagoas



Vídeos – Prof. Roberto Sidnei



Livro: A cabeça bem feita – Edgar Morin



Livro: 7 saberes – Edgar Morin



REFERÊNCIAS

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica**. Petrópolis,RJ: Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A teoria Etnoconstitutiva de currículo – teoria-ação e sistema curricular formacional**. Curitiba:CRV, 2016.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. 7.Ed. atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 7ª ed.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita – repensar a reforma, reformar o pensamento**. 15ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 200.